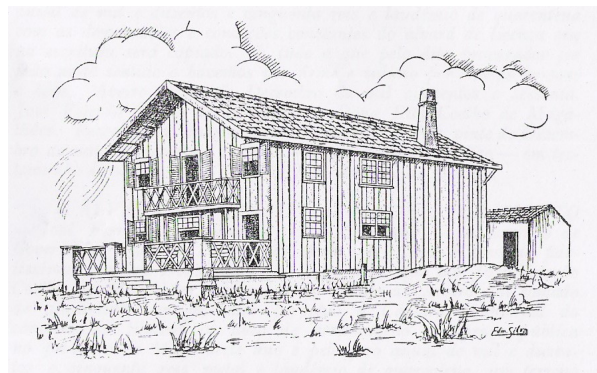




A HISTÓRIA
DO
PALHEIRO DE JOSÈ ESTEVÃO

2007

Quando me dediquei à elaboração do «**Ílhavo-Ensaio Monográfico** », e aí abordei um pouco da **História da Costa- Nova** (*a propósito, vai sendo tempo de concluir a mesma*) ao abordar a figura incontornável do tribuno José Estêvão e a preponderância que nela teve , referenciei -como não podia deixar de ser - aquele por que todos ,insistentemente ,é conhecido como o «**Palheiro de José Estêvão**» e que muitos consideram, ou julgam ser, Monumento Nacional .



O actual Palheiro da Família

Ressaltou-me desde logo, então, que algo não estaria muito certo .

São inúmeras as referências ao *velhinho* palheiro do Tribuno .E nem o Eça de Queirós escapou, a assim o referenciar ,na inúmera correspondência que lhe dedicou .

Algo ,então ,que não tive tempo de esclarecer, inquietou-me e só agora tenho possibilidade de voltar ao mesmo.

Chegou pois a hora de o tentar esclarecer .

O referido palheiro foi construído , cerca de **1886** .José Estêvão faleceu em **1862** .

Assim, **José Estêvão nunca terá visto** aquele palheiro ,e por ordem de razão, **nunca sequer, o habitou.**

Vamos então tentar esclarecer a questão :

As companhas tinham chegado em **1808** ao areal, ali mesmo defronte daquele local ,onde se estabeleceram os *palheiros* de guarda de material ,e um ou outro palheiro de que temos referência, entre eles o do padre José Bernardo de Sousa, o do capitão-mor ,chefe das Ordenanças, Manuel Maia Vizinho, o do José Ferreira Félix, vereador e sargento-mor, o de João de Azevedo, feitor do sargento-mor, e o de José Gomes dos Santos ,feitor do cap-mor. Também, ali, naquele local ,o abastado comerciante ,Manuel de Moura Martinho ,oriundo de Viseu, mercantil da sardinha ,construiu um palheiro – que provavelmente seria originalmente um armazém de salga de sardinha, eventualmente ,para habitação, também .Decorria o ano de **1840** quando José Estêvão lhe adquire o palheiro, e, provavelmente, lhe introduziu modificações sensíveis.

José Estêvão ,diz-nos o seu filho Cons. Luís Magalhães ,adquire-o para que junto com sua esposa, D Rita de Moura Miranda, pudesse «*nesse recanto modesto e obscuro*», ... *mas belo e largo* » descansar das “*violentas refregas da vida publica*”, aí passando, com a família , por norma, longos períodos. .

Destas palavras do filho parece poder deduzir-se que o palheiro não seria, *inicialmente* ,de muito opulência ,à época .

José Estêvão fazia gala em ali receber muitos dos seus amigos, entre os quais Mendes Leite ,companheiro de Coimbra e do exílio ,fiel e inseparável companheiro ;Sebastião de Carvalho e Lima, um espírito de rara energia e grande honestidade; Agostinho Pinheiro ,seu companheiro de imprensa ;a família Pinto Basto que lhe era muito chegada ,e muitos outros :os Regala ,os Viscondes de Almeidinha ,os Mourões ,o Arcebispo Bilhano ,os Alcoforados, e tantos outros .

Visita habitual da Joana Gramata (a Maluca), José Estêvão deliciava-se com as festas por esta oferecidas na sua quinta , os fins de tarde na apreciação do pôr se Sol na Costa Nova, visto do alpendre da quinta, enquanto se fumavam longas «*charutadas*», no que a Joana era eximia e viciada apreciadora , e com os passeios que o grupo de convidados fazia pelos pinhais, que então começavam a despontar pelas Gafanhas .Visitante assíduo das companhas, na Costa Nova ,era hábito a ele recorrerem com a finalidade de obter a sua ajuda politica ,para a obtenção de apoios que amenizassem aquela vida dura. Foi sua iniciativa a construção da estrada e pontes que acabaram por ligar Aveiro á Costa Nova .Exultava com a valentia daqueles bravos, com quem assiduamente se entretinha em longas conversas, confraternizando assiduamente no areal com os mesmos .

Depois da sua morte a viúva -que lhe sobreviveu 42 anos -,vinha todos os verões, com os filhos, passar «três meses» á praia ,como nos diz ainda Luís Magalhães ao referir que vinham habitar para “ *o nosso palheiro da Costa –Nova, junto à barra de Aveiro ,essa interessante casita de madeira* ,de que os gostos e o arranjo caseiro da Mãe ,*tinham feito um « home» modesto* .

Contou-nos a bisneta de Luís Magalhães , D. Joana Magalhães, recordar-se do Avô contar que as areias *teriam invadido todo o palheiro ,quase o deitando abaixo*. Pelo que a sua bis-avó ,D .Rita, teria em **1886** deitado abaixo o que restava, tendo erguido o **novo palheiro**, no mesmo local onde se encontrava o anterior.

Parecia pois que o nosso pressentimento teria razão de ser .O actual Palheiro ,não é o de José Estêvão ,muito embora devendo ser muito semelhante ao anterior, e estar situado no mesmo local .

Foi já o *novο Palheiro*, que Eça refere frequentemente na suas notas e missivas ,, e não como por vezes se pensa, no anterior, que o escritor também não conheceu. .

A primeira visita do escritor a Aveiro ,ter-se-ia dado em **1880**,acompanhado pelo poeta Coelho de Carvalho ,e com ele visitado as propriedades da família Queirós, em Verdemilho.



Palacete que foi de Joaquim José de Queirós¹

Eça descreve a visita , registando-a nas sua notas de viagem .

“ Saído da estação tomaria lugar numa velha carruagem “rangendo miseravelmente ,arrastada por umas pilecas deploráveis, por mercê dos chicotes mágicos que ,por mercê dos chicotes mágicos ,têm asas nunca depenadas por caridosas mãos policiais” diz-nos. E continuando:

“Aveiro era então –dizia !-uma cidade de ruas estreitas e tortuosas ,de calçadas inclementes, favoráveis ao solavanco e com o desfilar resignado das suas casa geralmente baixas ,toscas e humildes”(...

“ o grande encanto da cidade leva à Ria, onde os barcos compridos e negros ,grosseiras gôndolas ,com as formas originais ,de crescentes repuxados, aglomeravam-se confusamente encostados aos paredões baixos ”

¹ Joaquim José de Queirós ,Conselheiro ,nasceu nas Quintãs ,em 1744 e faleceu em Verdemilho em 16 de Abril de 1850. De entre os seus filhos ,José Maria Teixeira de Queirós foi o pai do escritor Eça de Queirós .

O cons . Queirós , foi o promotor da revolução liberal ,que se opôs a D Miguel ,vindo a fazer parte do governo Provisório .que proclamou a soberania de D MariaII. Depois da tomada do poder pelos Miguelistas .foi, em 9 de Dezembro de 1929 ,condenado à morte por garrote .A sentença não foi cumprida ,por o Cons. Queirós se ter consigo exilar .Entre os exilados contava-se, ainda , José Estêvão, Mendes Leite ,e Almeida Garrett.

E é já em 1884 ,que Eça a convite do seu grande amigo ,o governador Civil de Aveiro, Dr Luís Magalhães ,visita, desta vez , a Costa Nova.

E rende-se aos seus encantos, que transmite, entre outros, a Oliveira Martins ,ao afirmar :

“Apesar de ter retardado ontem o meu jantar até às nove horas da noite ,não pude desbastar a minha prosa .Levar as provas para os areais da Costa-Nova não é prático , -Oh homem prático! Há lá decerto a brisa ,a vaga, a duna ,o infinito e a sardinha – coisas essenciais para a inspiração –mas falta essa outra condição suprema : um quarto isolado com uma mesa de pinho.”

Eça ,assume-se mesmo ,tal a intensidade com que a Costa Nova o penetra ,a afirmar :

“filho de Aveiro² ,educado na Costa Nova ,quase peixe da ria eu não preciso que mandem ao meu encontro e barcaças (...) eu sei ir por meu próprio pé ao velho e conhecido palheiro de José Estêvão” ...

“Não desisto de ir palmilhar as areias da Costa e os pinhais da Gafanha, refere em 1884 ao Conselheiro Magalhães ,a quem solicita guarida para mais uma próxima estadia.

Alguns das figuras que perpassam e dão vida aos seus romances , vestem-se com o «**Gabão de Aveiro**», como o seu *Dâmaso* da «**Tragédia da Rua das Flores**» ; e mesmo o famoso *Simão Craveiro*, o homem da «*Idéa nova*»,o paladino do Realismo autor do poema a *Morte de Satanás*, «encolhia-se “no Gabão com o grande barrete de lontra»,como nos descreve em «**Os Maias**», *pondo o Alencar fulo, jurando que se esse Craveiro não fosse raquítico (...) rolava-o pelo Chiado abaixo .Esborrachava-o ,João da Ega...(...)assim mesmo !- rompendo às patadas ao soalho.*

.Na «**Ilustre Casa de Ramires**», refere-se a Costa-Nova , elogiando-se a sua *sardinha tão graúda e boa (...)*que comiam no excelente *chalé de Magalhães.*

Mas é ainda destas bandas ,a «Joana» da «**Tragédia da Rua das Flores**», que nos descreve como *uma combinação da raça árabe e a raça céltica(...)um pedaço de animal –diz Camilo Serrão .Uma simples fêmea ,um belo pedaço de animal com um corpo de estátua ,com uma solidez ancestral das mulheres da Ria de Aveiro (...) onde havia um calor morno ,dissolvente ,delicioso ,estonteador.*

. A casa que Eça frequentou assiduamente, onde viveu ternos e inesquecíveis momentos com aquela que viria a ser sua esposa, Emília de Castro Resende ,filha do Conde de Resende ,e onde corrigiu alguns manuscritos dos seus romances , era já então um *excelente chalé* ,como nos refere prolixamente. Trata-se do **nov**o Palheiro da família de José Estêvão .

Curioso seria ,então ,tentar conhecer a forma e linhas do anterior .

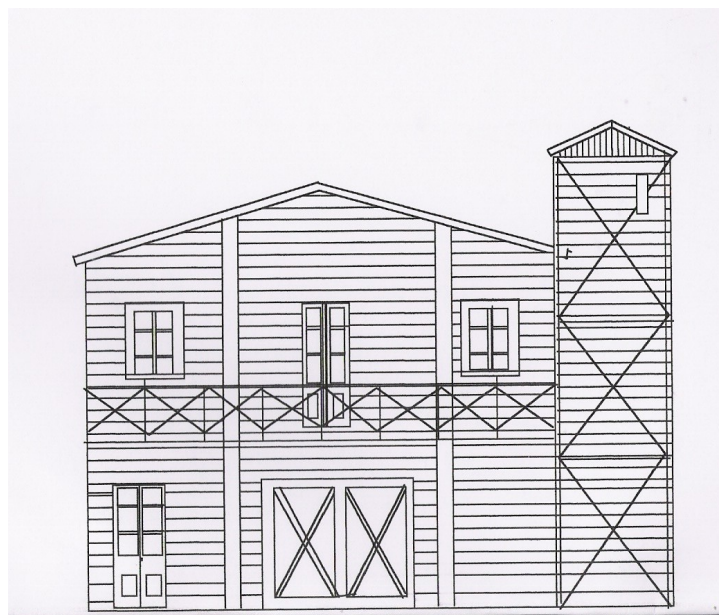
Ora a referida bisneta de José Estêvão, D. Joana ,referiu que viu –**quando criança** - num desenho feito pelo seu avô Luís Magalhães (filho daquele), um esboço que me repetiu e de que fui apontando os elementos . Foi insistente o relato de se recordar –

² Desta frase, chegou a ser equacionado que o escritor teria nascido em Aveiro ,o que parece não ser exacto ,pois é quase certo ter nascido na Póvoa do Varzim.

era miúda, então -de que o palheiro desenhado pelo avô para mostrar como seria ,inicialmente , teria **uma grande varanda e uma torre** ,sendo feito *com as tábuas na horizontal*, como era hábito antigo .

Fizemos então um *croqui* , seguindo a ideia da atenciosa senhora .

Eis que de repente reparo que a casa que D, Joana me descrevia, era a actual ,mas vista pelo alçado poente .E lá estava a(dita) torre .A que mais tarde serviu para cabina eléctrica ,depois de refeita a «adobe».E a varanda era a toda a largura da casa, de facto .



Uma hipótese do Palheiro Inicial de José Estevão

E porque é que a frente do **primeiro palheiro** não poderia estar virada para o mar ? Tinha até a sua lógica .Se tivesse sido construída para armazém ,era lógico que o seu portão, habitualmente largo para a entrada dos *enxalabares* ,estaria virado, ,directamente, para as companhas sitas na duna do mar .

Provavelmente ,só quando a José Estêvão ,em **1860**, lhe é concedido o aforamento de toda a área até à barra e até junto da ria ,se teria pensado – mera especulação nossa, entenda-se !- em virá-lo para a ria, para o caminho de que foi, ele próprio, o mais influente obreiro, que ligava a Costa Nova por estrada que seguia até Aveiro.

Atentemos num outro pormenor,

Num pequeno apontamento Luís Magalhães refere o escritório do Pai ,no velho palheiro, que dizia “ *abria a larga janela à brisa fresca do norte e ao sussurro do mar que a pouca distancia rebentava e se espraiava de encontro às dunas*”.

Tais palavras parecem vir confirmar o que admitimos como muito provável.

Assim, por mera curiosidade e enquanto aguardamos, com esperança, que a D Joana nos envie a gravura que prometeu procurar ,fizemos um esquiço com o que nos foi relatado ,aqui o registando, para já, como mero exercício de resposta a um curioso problema a que nunca ,parece ,foi prestada a devida atenção .

Aliás a casa que se disse ser Monumento Nacional ,não o é, de facto ,pois pertence – apenas e só –à Família ;e não nos admira que os factos acima referidos tenham pesado na não atribuição de tal classificação.

Senos Fonseca

Novembro 2007